

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
PEDAGOGIA**

MARCELLA CAROLO DOS SANTOS

KALOKAGATHIA: O IDEAL GREGO DE EDUCAÇÃO

Ribeirão Preto

2023

MARCELLA CAROLO DOS SANTOS

KALOKAGATHIA: O IDEAL GREGO DE EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Barão de Mauá como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Me. Osmair Severino Botelho.

Ribeirão Preto

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

S236k

Santos, Marcella Carolo dos
Kalokagathia: o ideal grego de educação/ Marcella Carolo dos Santos -
Ribeirão Preto, 2023.

28p.

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia do Centro Universitário
Barão de Mauá

Orientador: Me. Osmair Severino Botelho

1. História da educação 2. Educação grega 3. Kalokagathía I. Botelho, Os-
mair Severino II. Título

CDU 37(091)

Bibliotecária responsável: Iandra M. H. Fernandes – CRB⁸ 9878

MARCELLA CAROLO DOS SANTOS

KALOKAGATHIA: O IDEAL GREGO DE EDUCAÇÃO

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Pedagoga e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Me. Osmair Severino Botelho (Orientador)
Centro Universitário Barão de Mauá

Prof. Dra. Marlene de Cássia Trivellato Ferreira
Centro Universitário Barão de Mauá

Prof. Me. Liliane Cury Sobreira
Centro Universitário Barão de Mauá

Ribeirão Preto

2023

Este trabalho é dedicado à minha esposa e família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao meu orientador, Prof. Me. Osmair Severino Botelho, por aceitar conduzir o meu trabalho e, mais que isso, pela paciência e disponibilidade na condução, mesmo com as dificuldades.

A minha mãe, Christiane Carolo, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando em todas as decisões ao longo de toda a minha trajetória.

À minha esposa, Michelle Mendonça, pela compreensão, carinho e apoio demonstrado durante a graduação e o período do projeto.

Também agradeço ao meu irmão, João Pedro Carolo, que me ajudou com sua vasta experiência desde o início deste projeto de pesquisa.

A todos os meus professores e a coordenadora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Barão de Mauá pela excelência da qualidade técnica de cada um.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização desse trabalho.

O fundamental é a minha decisão ético-política, minha vontade nada piegas de intervir no mundo.

(Paulo Freire)

RESUMO

A prática de educadores e educadoras no ocidente é, cotidianamente, influenciada pelas heranças da educação grega, muito do que vemos no dia a dia escolar pode ser fundamentado na história da educação e quando se têm conhecimento disso a prática se torna mais consciente, crítica e coerente. O presente trabalho teve como objetivo compreender, por meio da pesquisa bibliográfica, a importância da educação grega para a história da educação. Dito isso, a reflexão se desenvolveu a partir da formação do homem grego no Período Homérico, na Educação Espartana e na Educação Ateniense, considerando o conceito de kalokagathía essencial para a discussão.

Palavras-chave: História da educação, educação grega, Kalokagathía, Werner Jaeger.

ABSTRACT

The practice of educators in the West is, on a daily basis, influenced by the legacies of Greek education, much of what we see in everyday school life can be based on the history of education and when we are aware of this the practice becomes more conscious, critical and coherent. The present work aimed to reflect, through bibliographical research, on the importance of Greek education for the history of education. That said, the reflection developed from the formation of Greek man in the Homeric Period, in Spartan Education and in Athenian Education, considering the concept of kalokagathía essential for the discussion.

Keywords: History of education, Greek education, Kalokagathía, Werner Jaeger.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	EDUCAÇÃO NO PERÍODO HOMÉRICO: A EDUCAÇÃO MÍTICA	13
2.1	<i>Kalokagathia</i> como ideal de educação na Grécia antiga: definições e objetivos.	16
3	EDUCAÇÃO ESPARTANA: A EDUCAÇÃO GUERREIRA	20
3.1	A pederastia como educação	22
4	EDUCAÇÃO ATENIENSE: A EDUCAÇÃO DE CORPO E ALMA	24
4.1	Educação não mais militar e o aparecimento da escola	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala no ideal de educação grega e na formação do homem grego um importante autor se sobressai, Werner Jaeger. A partir da sua obra, *Paideia*, é possível analisar profundamente a formação do homem grego e o seu lugar na história da educação, principalmente, por seu conceito ser fundamental para a formação de educadores e educadoras e para o trabalho de pesquisadores e pesquisadoras em Educação.

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. (JAEGER, 2013, p. 2)

A Grécia é considerada o berço da civilização ocidental, portanto a vivenciamos diariamente desde o nascimento, perpassando pela vida escolar, nas formas de organização da sociedade e das escolas e, principalmente, influenciando naquilo que entendemos por educação. Dito isso, seu estudo e entendimento se fazem importantes, principalmente para aqueles que almejam seguir na área da educação, considerando a prática docente enquanto dimensão social da formação humana, contextualizada social, cultural e historicamente.

Como dito por Paulo Freire (2019, p. 18) “o preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética”. E, complementa, (FREIRE, 2019, p. 20) “é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade”.

Assim, o presente trabalho tem como problema de pesquisa, por meio da pesquisa bibliográfica e considerando Jaeger a principal referência, responder seguinte pergunta: *Qual a importância da educação grega para a história da educação?*

O conceito de *Kalokagathia* tem total relevância para o desenvolvimento do trabalho, enquanto referência para o ideal de homem grego. Fundamental na Grécia Antiga, *Kalokagathia* representava a ideia de que a beleza física e a virtude moral eram igualmente relevantes e necessárias para uma pessoa, era um ideal a ser alcançado,

pois acreditava-se que uma pessoa só poderia ser verdadeiramente bela se também fosse virtuosa e moralmente boa.

Sendo assim, o trabalho está organizado em três grandes partes que abrangem as origens da Educação clássica, refletindo sobre a formação do homem grego: I. Educação Homérica; II. Educação Espartana; e III. Educação Ateniense, de modo a apresentar suas características e as diferentes formações do homem grego.

2 A EDUCAÇÃO NO PERÍODO HOMÉRICO: A EDUCAÇÃO MÍTICA

Como escreveu o historiador Henri Irénée Marrou (1975, p. 17) “é realmente de Homero que nossa história deve partir: é em Homero que começa, para não mais interromper-se, a tradição da cultura grega”.

O Período Homérico, compreendido entre os séculos XII e VIII a.C., foi uma fase crucial da história da Grécia Antiga que se destaca pelas epopeias de autoria de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Nesse período, a sociedade grega vivenciou um conjunto de transformações políticas, sociais e culturais, cujas raízes remontam a uma era mitológica distante. O nome "Homérico" é derivado do poeta Homero, considerado o autor de ambas as obras mencionadas, que retratam a vida dos heróis e os eventos ocorridos durante a Guerra de Tróia e a jornada de retorno do herói Odisseu para a Ilha de Ítaca. Através da análise do chamado *Período Homérico*, é possível compreender os valores, a estrutura social e as crenças que moldaram a sociedade grega antiga, assim como a sua influência na História da Educação.

O sentido do dever é, nos poemas homéricos, uma característica essencial da nobreza, que se orgulha por lhe ser imposta uma medida exigente. A força educadora da nobreza reside no fato de despertar o sentimento do dever em face do ideal, que desse modo o indivíduo tem sempre diante dos olhos (JAEGER, 2013, p. 26).

E, também de acordo com Jaeger (2013, p.23), para estudarmos a educação grega do *Período Homérico*, é preciso entender o conceito de *areté*, pois:

O tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de *areté*, que remonta aos tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para esse termo; mas a palavra “virtude”, na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavalheiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega.

A Educação neste período foi bastante influenciada pela mitologia e pelas crenças religiosas da época. O principal objetivo da educação era transmitir conhecimentos e valores fundamentais para a formação dos jovens gregos, preparando-os para as futuras responsabilidades na sociedade.

Na mitologia grega, os deuses e heróis eram figuras centrais, e pensava-se que suas histórias e ensinamentos continham importantes lições morais e éticas. Através destes mitos, as crianças e jovens aprendiam sobre os valores culturais, as virtudes e os princípios que eram considerados fundamentais na sociedade grega antiga. Nas palavras de Jaeger (2013, p. 29), “Para Homero e para o mundo da nobreza desse tempo, a negação da honra era, em contrapartida, a maior tragédia humana. (...) O elogio e a reprovação (*επαινος* e *ψογος*) são a fonte da honra e da desonra”.

A educação, neste período mítico, era conduzida principalmente pelos pais e pelos anciãos da comunidade. Os mitos e histórias eram transmitidos, de forma oral, de geração em geração, por meio de poemas épicos como a *Ilíada* e a *Odisseia*. Esses poemas retratam os feitos dos heróis e as suas interações com os deuses, fornecendo, para a sociedade grega da época, muitos exemplos e ensinamentos. Sobre isso, afirma Jaeger: “[...] O homem homérico só adquire consciência do seu valor pelo reconhecimento da sociedade a que pertence. Ele é um produto da sua classe e mede a *areté* própria pelo prestígio que disputa entre os seus semelhantes” (2013, p. 29).

As crianças gregas, no período Homérico, eram iniciadas nesse universo mítico desde cedo. Elas aprendiam sobre os feitos heroicos de figuras como Aquiles e Ulisses, os caprichos dos deuses e a importância da honra, da coragem e da lealdade. Os mitos envolviam também questões universais como o amor, a amizade, a justiça e a sabedoria, proporcionando um arcabouço moral e ético para a educação dos jovens.

No entanto, a educação mítica não se limitava apenas às narrativas. Ela também estava presente nos rituais e nas práticas religiosas. As cerimônias de culto aos deuses eram tidas como oportunidades para ensinar sobre a importância da devoção, da gratidão e do respeito a eles. E os festivais religiosos, como os *Jogos Olímpicos*, eram momentos de celebração da mitologia e de exaltação das virtudes dos heróis mitológicos.

Assim, toda a glorificação de um herói desemboca rapidamente em Píndaro no elogio do seu sangue, dos seus antepassados. O elogio tem um lugar firme nos epinícios. É pelo ingresso neste coro que o vencedor se situa ao lado dos deuses e dos heróis. *A que deus, a que herói, a que homem celebrarei?* – começa o segundo poema olímpico (JAEGER, 2013, p. 261).

É importante ressaltar que a educação mítica não era exclusivamente teórica. Os jovens também eram incentivados a se inspirar nos heróis e a buscar a excelência (a areté grega como melhor ação ou ação por excelência) em suas próprias vidas. A prática física, o treinamento militar e o desenvolvimento das habilidades atléticas também eram considerados fundamentais para a formação dos jovens gregos, com o objetivo de incentivar e desenvolver força, agilidade e resistência, características valorizadas pela sociedade da época.

A educação desempenhava um papel fundamental na sociedade grega antiga, preparando os jovens para desempenhar papéis importantes na comunidade. Embora não existisse um sistema de educação formal como o que conhecemos hoje, a transmissão de conhecimentos e valores ocorria principalmente no contexto familiar e comunitário, principalmente com o objetivo de formar o caráter e desenvolver as virtudes necessárias à vida adulta. Era esperado que os jovens aprendessem a ser e agir de acordo com os valores considerados essenciais na sociedade grega.

Nos tempos primitivos, quando ainda não existia uma compilação de leis nem um pensamento ético sistematizado (exceto alguns preceitos religiosos e a sabedoria dos provérbios transmitida por via oral de geração em geração), nada tinha, como guia da ação, eficácia igual à do exemplo. Ao lado da influência imediata do ambiente e, especialmente, da casa paterna, influência que na Odisseia exerce um poder tão grande sobre as figuras de Telêmaco e Nausícaa, encontra-se a enorme riqueza de exemplos famosos transmitidos pela tradição das sagas. Desempenham na estrutura social do mundo arcaico um papel quase idêntico ao que entre nós cabe à História, sem excluir a história bíblica (JAEGGER, 2013, p. 56)

Nesse tipo de educação, a mãe e o pai desempenhavam papel fundamental na formação dos filhos. Os pais eram responsáveis por transmitir os conhecimentos práticos, como as habilidades artesanais e de agricultura, além de ensinarem sobre os costumes, as crenças e as tradições da comunidade. Eram também responsáveis por apresentar o universo mítico através de histórias sobre os deuses, os heróis e as diversas lições morais contidas nessas narrativas.

Os anciãos da comunidade eram muito respeitados, considerados os guardiões do conhecimento e da sabedoria que foi acumulada por gerações e gerações, tinham papel importante na educação das crianças e dos jovens. Os jovens eram incentivados a pedirem conselhos e orientações, e os anciãos compartilhavam, mais que isso, suas experiências de vida e seus ensinamentos práticos e morais.

O papel do professor não era, na época, formalizado como o que encontramos nas instituições de educação contemporâneas. Não existiam professores ou escolas designadas especificamente para esse propósito. Porém, é possível identificar figuras que exerciam tal função, como *aedos* e poetas, que transmitiam conhecimentos e valores através de poesias e músicas.

Os *aedos* eram responsáveis por recitar e cantar poemas épicos, como a *Ilíada* e a *Odisseia*, considerados fontes de ensinamentos morais e éticos. Esses poemas narravam as aventuras dos heróis gregos e suas interações com os deuses, apresentando lições sobre os comportamentos adequados e exemplos de virtudes. Dessa forma, os *bardos*, outro nome dos *aedos*, desempenhavam um papel educacional ao transmitir os conhecimentos históricos, mitológicos e éticos através da arte da poesia.

Homero oferece-nos múltiplas descrições dos antigos *aedos*, de cuja tradição artística nasceu a épica. O propósito desses cantores é manter vivos na memória do mundo futuro os “feitos dos homens e dos deuses”. A glória e a sua manutenção e aumento constituem o sentido próprio dos cantos épicos. As antigas canções heroicas eram frequentemente denominadas “glórias dos homens”. (JAEGER, 2013, p. 66)

A relação entre professor e aluno neste período era caracterizada por uma dinâmica de respeito e admiração. Os jovens buscavam aprender com os mestres, que eram vistos como detentores de um conhecimento valioso e considerados dignos de serem ouvidos. Essa relação se constituía pela tradição da transmissão oral do conhecimento, em que o professor era o detentor de todos os conhecimentos e, assim, conduzia os aprendizados, e o aluno era um atento receptor.

2.1 KALOKAGATHIA COMO IDEAL DE EDUCAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA: DEFINIÇÕES E OBJETIVOS

O ideal grego de educação, que se desenvolveu a partir do século V a.C., tinha como objetivo a formação de indivíduos completos, capazes do pleno exercício de suas habilidades físicas, intelectuais e morais. Esta formação integral era considerada essencial para o desenvolvimento de uma sociedade virtuosa e harmoniosa. Foi com a criação de uma palavra derivada de dois vocábulos gregos: *Kalon*, que significa

belo/bela, e *Agathon*, que significa bom/boa, que esse ideal foi formalmente expresso. Unindo as duas, temos *Kalokagathia*, a educação bela e boa.

Kalokagathia era um conceito fundamental na Grécia Antiga e representava a ideia de que a beleza física e a virtude moral eram igualmente relevantes e necessárias para uma pessoa. *Kalokagathia* significa "bela e boa" em grego e era uma das principais qualidades valorizadas socialmente.

Esta "educação bela e boa" era um ideal a ser alcançado, acreditava-se que uma pessoa só poderia ser verdadeiramente bela se também fosse virtuosa e moralmente boa. Portanto, a educação na Grécia Antiga não se limitava apenas ao desenvolvimento intelectual, se preocupava igualmente com o desenvolvimento físico e moral dos seus indivíduos.

A filosofia da educação aponta ao Homem outro objetivo, o da *kalokagathía*. Platão define a essência desta filosofia por oposição à injustiça e à maldade; concebe-a, portanto, em sentido essencialmente ético. Todavia, a formação humana com base na *kalokagathía* não é de modo nenhum para ele algo que se oponha à natureza; corresponde, sim, a uma concepção diferente da natureza humana, que Sócrates desenvolve minuciosamente (JAEGGER, 2013, p. 664).

Acreditava-se que um corpo saudável era essencial para uma mente também saudável, então uma parte importante da educação grega era o treinamento físico. Os jovens eram incentivados a praticar diferentes esportes e a participação em competições atléticas era fortemente valorizada.

Além do treinamento físico, como mencionado, a formação moral dos indivíduos era importante e fundamental. A educação era voltada para o desenvolvimento de virtudes como coragem, honestidade e justiça. A educação moral era baseada em ensinamentos filosóficos de figuras renomadas como Sócrates, Platão e Aristóteles, que defendiam que a virtude moral estava equiparada à virtude intelectual.

A *Kalokagathia* também era valorizada na política grega, pois acreditava-se que um líder de sucesso deveria ser moralmente virtuoso e fisicamente atraente. Os líderes políticos eram com frequência retratados em obras de arte e estátuas como nobres e belos, para simbolizar sua superioridade moral e física.

[...] do ponto de vista da educação para fomentar a verdadeira virtude do governante, que só os temperamentos mais firmes e mais corajosos deviam ser

selecionados para governantes-filósofos e que estes deviam ser, dentro do possível, homens belos, fortes e distintos. Mas essa *kalokagathía* devia combinar-se neles com as qualidades indispensáveis à cultura superior do espírito: a argúcia, a facilidade de compreensão, a memória e a tenacidade. (JAEGER, 2013, p. 922)

A educação grega era dividida em fases: 1. a educação primária, que tinha como foco as crianças com até sete anos de idade – forma tradicional de divisão e entendimento do desenvolvimento, por ciclos de sete em sete anos – e, 2. a educação secundária, que era focada, com seus objetivos específicos, nos jovens entre os sete e os vinte anos.

Era durante a primeira fase, a chamada educação primária, que as crianças aprendiam a ler, a escrever e a fazer contar matemáticas, além de ser nessa etapa que elas desenvolviam habilidades manuais e físicas.

A educação propriamente dita começa sempre após os sete anos, idade em que a criança é enviada às escolas. Até então trata-se apenas de criação: a criança é alimentada em casa e permanece entregue às mulheres. (...) Em certo sentido, sem dúvida, a educação começa desde estes primeiros anos: a criança inicia-se já na vida social, mediante a forma de boas maneiras a adquirir como da civilidade pueril e correta; já se procura impor-lhe certa disciplina moral. (...) Do ponto de vista intelectual, esses anos de “nursery” são consagrados à aquisição da linguagem (...) E já, também, começa a iniciação à tradição cultural (MARROU, 1975, p. 224).

Já na educação secundária, os jovens eram divididos em duas categorias: os que seriam destinados à vida pública e receberiam, assim, uma formação mais ampla, e os que seriam destinados à vida privada e, portanto, receberiam uma formação mais restrita. Para os jovens destinados à vida pública, a formação incluía gramática, retórica, filosofia, música, matemática e ginástica. Já para os jovens destinados à vida privada, a formação restrita se concentrava no desenvolvimento das habilidades manuais e físicas, como a pesca e a agricultura.

Um dos objetivos centrais da educação grega era a formação da virtude. Os jovens eram constantemente submetidos a treinamentos rigorosos, tanto físicos quanto mentais, que incluíam desde a prática de esportes e jogos, até a memorização de poesias e discursos. Assim, os jovens desenvolviam coragem, lealdade, honra e respeito pelos valores sociais e religiosos.

Platão oferece-nos um luminoso exemplo, para mostrar que toda a areté está incluída no ideal do homem justo. Habitualmente distingue quatro “virtudes”: a fortaleza, a piedade, a justiça e a prudência (...) Não importa, aqui, o fato de na República, e mesmo em outros textos, aparecer a sabedoria filosófica em vez da piedade. Já em Ésquilo vemos esse cânon das chamadas quatro virtudes platônicas, como a suma da verdadeira virtude cívica (JAEGER, 2013, p. 139)

Outro aspecto da educação grega era a dedicação ao desenvolvimento da autonomia e da liberdade de pensamento dos alunos. Eles eram incentivados a questionar os valores e as tradições estabelecidas e a buscar a verdade através da razão, para formarem opiniões próprias. E, assim, desenvolviam a capacidade crítica e o senso de responsabilidade pessoal, fundamentais para a participação cidadã na vida política e social.

Por fim, a educação grega valorizava o ideal da beleza e da harmonia. A música e a arte eram vistas como expressões fundamentais da cultura e da moralidade grega, e o cultivo da beleza física e da elegância era considerado uma virtude importante. Esse ideal era observado para além da formação dos jovens, destacado em toda a cultura grega influenciou a arquitetura, as esculturas e a forte literatura da época.

Na prática, o ideal da *Kalokagathía* se manifestou por todas as cidades gregas, sobretudo nas duas mais importantes, como objetivos e práticas diferentes: Esparte e Atenas.

3 A EDUCAÇÃO ESPARTANA: A EDUCAÇÃO GUERREIRA

Esparta não tem lugar autônomo nem na história da filosofia nem na história da arte. Em contrapartida, Esparta tem, de pleno direito, um lugar na história da educação. A criação mais característica de Esparta é o seu Estado, e o Estado representa aqui, pela primeira vez, uma força educadora no mais vasto sentido da palavra. (JAEGER, 2003, p. 108-109)

A educação espartana, também conhecida como "*agogé*", foi um sistema educacional único e altamente especializado que moldou a sociedade espartana na Grécia antiga. Em comparação com muitos outros sistemas educacionais da época, o foco principal da educação espartana era a produção de guerreiros excepcionalmente fortes, disciplinados e leais. Esta abordagem não só definiu Esparta, como também desempenhou papel crucial na história da educação grega.

É, pois, permitido conjecturar que, nessa época arcaica, a educação do jovem espartano era já essencialmente, ou antes, continuara sendo uma educação precipuamente militar, um aprendizado direto e indireto do ofício das armas. Importa, contudo, salientar a evolução, técnica e ética ao mesmo tempo, que se registrara desde a idade média Homérica: a educação do cidadão espartano não é mais a de um cavaleiro, mas a de um soldado; insere-se numa atmosfera "política", e não mais senhorial (MARROU, 1975, p. 35).

A educação era supervisionada pelos *éforos*, magistrados eleitos anualmente em Esparta, tinham como responsabilidade garantir que as regras fossem rigorosamente cumpridas e a disciplina fosse mantida. Os *éforos* desempenharam um importante papel na organização e na manutenção do sistema educacional espartano, considerado único.

A educação espartana tem várias características distintas. Em primeiro lugar, as exigências rigorosas do corpo são particularmente proeminentes: os jovens espartanos recebem um treinamento físico extremamente rigoroso desde que são crianças. Isto inclui correr, saltar, lutar e passar por treinamento militar destinado a desenvolver força, resistência e habilidades de combate.

Outra característica distintiva da educação espartana era a vida comunitária. A partir dos sete anos, os jovens são separados das suas famílias e passam a viver com outros jovens da sua idade. O objetivo é desenvolver o espírito de equipe e criar vínculos profundos entre os futuros guerreiros.

Como bem afirmou o historiador Marrou (1975, p. 42), “[...] ao atingir sete anos, o jovem espartano é requisitado pelo Estado: até a morte, pertence-lhe inteiramente”.

Além disso, a simplicidade e a austeridade eram valores fundamentais da vida espartana. Os jovens vestiam-se com simplicidade, alimentavam-se moderadamente e não eram autorizados a acumular riqueza pessoal. A ênfase estava na disciplina e devoção ao Estado. Outro aspecto digno de destaque era a dedicação aos valores morais. A educação espartana enfatizou a moralidade e ensinou os jovens a respeitar os valores da sociedade em que viviam. Isto inclui a importância da coragem, da lealdade e da honra, bem como a exigência estrita de absoluto respeito a autoridade como parte da formação moral.

A educação espartana desempenhou um papel importante na história da educação grega. Ela representou uma visão única de como a educação poderia ser usada para criar uma sociedade altamente disciplinada e militarizada. Esparta era conhecida como uma das principais potências militares da Grécia e a sua educação, considerada eficaz dentro dos seus objetivos, moldou toda uma geração de guerreiros, sempre prontos para as batalhas. No entanto, a militarização extrema e as restrições à arte, filosofia e ciência tornaram a educação espartana unidimensional. Muito diferente do ideal ateniense, que valorizava a educação intelectual e artística, tanto quanto a formação física e moral. A educação espartana destaca assim o contraste entre as diferentes abordagens educacionais na Grécia antiga.

Esta educação de Estado é, pois, uma educação coletiva, que subtrai a criança à sua família para fazê-la viver numa comunidade de jovens. A passagem é, aliás, progressiva: durante os quatro primeiros anos, os “lobinhos” eram reunidos somente para jogos e exercícios; é aos doze anos que o “rapaz”, submetido a uma disciplina mais severa, deixa a casa paterna pelo internato, ou melhor, pela caserna, de onde não deverá sair mesmo depois de casado, antes da idade de trinta anos (MARROU, 1975, p. 43).

Tudo isso, anteriormente mencionado, refere-se exclusivamente à educação dos jovens do sexo masculino, sendo a educação das jovens mulheres espartanas bem diferente. O foco principal era na ginástica e no esporte, sendo a reprodução sua principal função, seu dever na sociedade espartana. Como bem descreveu Marrou:

Sua educação é subordinada a esta preocupação de eugenia: procura-se tirar-lhe a delicadeza e a feminilidade, enrijecendo-lhe o corpo, obrigando-a a

exibir-se nua nas festas e nas cerimônias: o objetivo é fazer das virgens espartanas robustas viragos sem complicações sentimentais, que se acasalarem ao melhor dos interesses da raça. (MORROU, 1975, p. 46)

Em resumo, a educação espartana era um sistema educacional único que enfatizava o treinamento militar, a disciplina, a simplicidade e a moralidade. O seu legado continua ao longo da história grega e encarna uma visão educacional específica que desempenhou um papel fundamental na formação da sociedade espartana e em toda a história da educação grega.

3.1 A PEDERASTIA COMO EDUCAÇÃO

No contexto da educação grega, o trabalho de Henri Irénée Marrou (1975) fornece importantes insights sobre a diversidade de práticas educacionais na Grécia Antiga e destaca que as relações interpessoais, em seus mais elevados níveis de complexidade, desempenhavam significativo papel na formação dos jovens.

A moral pederástica era uma característica única da educação grega. Envolve uma relação entre um homem mais velho (*erastes*) e um homem mais jovem (*eromenos*). O *erastes* era como um mentor e amante, enquanto o *eromenos* foi educado na arte, na cultura e na moral. Embora seja importante ressaltar que essas relações têm um componente educativo, também possuem uma dimensão erótica.

A questão é, naturalmente, complexa: seria necessário distinguir os diferentes níveis de moralidade, segundo as épocas e os lugares, uma vez que os povos gregos não reagiam todos da mesma maneira em face da pederastia. Considere-se a dificuldade que terão os sociólogos do futuro quando quiserem determinar, por exemplo, em que consistia o adultério para os franceses do século XX (MARROU, 1975, p. 51).

O companheirismo guerreiro foi um componente importante da educação grega, especialmente em Esparta. Os jovens espartanos eram divididos em dois grupos, "*erastes*" e "*eromenos*", onde um guerreiro mais velho cuidava e treinava um jovem. Essa relação fortalecia o vínculo entre os guerreiros e promovia a coesão e a camaradagem nos momentos de batalha.

Inicialmente, o amor grego contribuiu para dar sua forma ao ideal moral que se arroga toda a prática da educação helênica, ideal cuja análise comecei a propósito de Homero: o desejo, no mais velho, de afirmar-se aos olhos de seu amado, de brilhar diante dele, e o desejo simétrico, no mais moço, de mostrar-se digno de seu amante, só lograram reforçar, num e noutro, este amor da glória que todo espírito agonístico exaltava por toda parte: a ligação amorosa é o terreno de escolha em que se depara uma generosa emulação. Por outro lado, é toda a ética cavalheiresca, fundada sobre o sentimento de honra, que reflete o ideal de um companheirismo de combate. A tradição antiga é unânime em ligar a prática da pederastia à bravura e à coragem. (MARROU, 1975, p. 55)

Marrou reconheceu que a moral pederástica era uma parte bastante complexa da cultura grega que desempenhava um importante papel na educação da elite. No entanto, ele também enfatizou que esta abordagem não representava a totalidade da educação grega.

4 A EDUCAÇÃO ATENIENSE: A EDUCAÇÃO DO CORPO E DA ALMA

A Educação Ateniense, centrada na cidade-estado chamada de berço da democracia e do pensamento filosófico, desempenhou um papel extraordinário na história da educação. Essa abordagem educacional era enraizada no conceito de "*Paideia*". A *Paideia* ateniense é conhecida pela sua ênfase no pensamento crítico, nas artes e humanidades, tornando-a uma das mais influentes tradições educacionais da antiguidade.

A *Paideia* ateniense baseava-se não apenas na aquisição de conhecimento, mas também na formação do caráter, no cultivo da cidadania e na moralidade. O objetivo era a formação de cidadãos éticos, bem-informados e moralmente responsáveis, preparados para participar da vida política e cultural de Atenas.

A Educação Ateniense consistia em três pilares essenciais que moldaram a formação dos cidadãos atenienses. 1. O primeiro pilar correspondia a educação física e moral, conjuntamente, buscando equilíbrio entre a saúde do corpo e a virtude da alma. Através dos esportes, os jovens desenvolviam corpos fortes e saudáveis, enquanto a educação moral abordava valores como justiça, ética e cidadania, tornando-os também indivíduos moralmente responsáveis. 2. O segundo pilar era o ensino das artes e humanidades. Atenas valorizava fortemente as artes, a filosofia e a literatura, a educação era destinada a cultivar o pensamento crítico, a criatividade e a tão valorizada busca pela verdade. Mestres ilustres, como Sócrates, Platão e Aristóteles, tiveram papel fundamental no desenvolvimento intelectual de seus alunos, encorajando o questionamento e o debate. 3. Por fim, o terceiro pilar dava enfoque à participação política. O objetivo era que todos os cidadãos de Atenas estivessem preparados para tomar decisões coletivas e liderar questões públicas, tendo a educação, então, uma importante dimensão política, que os capacitava para a participação na democracia direta ateniense, contribuindo na vida política da cidade.

[...] Sócrates foi um cidadão do Estado ateniense, altamente patriótico, piedoso e justo, que tributava os seus sacrifícios aos deuses, consultava os adivinhos, era amigo leal dos seus amigos e cumpria ponto por ponto os seus deveres de cidadão (JAEGER, 2003, p. 503).

Esses pilares não só formaram cidadãos bem instruídos e informados, mas também tiveram impacto permanente na história da educação, influenciando abordagens modernas para o ensino e para a formação integral.

A Educação Ateniense também ressaltava a importância do diálogo e da discussão como ferramentas de aprendizagem. A academia de Platão, por exemplo, era um ambiente onde mestres e alunos debatiam filosofia, política e ética, possibilitando insights e novos conceitos.

A ênfase no pensamento crítico e no desenvolvimento moral teve grande influência na filosofia da educação ao longo dos séculos. A abordagem humanística, que valoriza o amplo conhecimento, o incentivo e cultivo da cidadania ativa, também moldou sistemas educacionais que surgiram posteriormente.

A Educação Ateniense representa uma tradição educacional que inspirou e continua a inspirar diferentes abordagens modernas para o ensino, a aprendizagem e a formação integral das pessoas, crianças e jovens. Foi uma forte e importante demonstração de que a educação não é sobre a transmissão e aquisição de informações, mas sobre um ensino-aprendizagem amplo, que abarque também o desenvolvimento de caráter e a formação de cidadãos informados e engajados, contribuindo para a evolução da sociedade em que estão inseridos.

4.1 EDUCAÇÃO NÃO MAIS MILITAR E O APARECIMENTO DA ESCOLA

Antiga, e até arcaica, em relação à forma definitiva que assumiria a educação clássica, nem por isso deixa esta educação de representar um progresso notável na evolução geral que devia levar de uma cultura de guerreiros a uma cultura de escribas. Estamos bem longe ainda do estádio final, mas já se deu o passo decisivo: com efeito, foi em Atenas que, a uma data infelizmente difícil de precisar (em algum momento do sexto século), perdeu a educação seu caráter essencialmente militar (MARROU, 1975, p. 66).

Durante o período ateniense, a educação passou por uma significativa mudança de um enfoque militar para uma abordagem mais aberta e humanística de educação. O reflexo disso foi a ampliação dos seus valores, que passaram a abranger o desenvolvimento do pensamento crítico, a cultura e a participação política como valores tão importantes quanto os físicos.

No início da história ateniense, a educação era majoritariamente militarizada, a cidade priorizava o treinamento de soldados e guerreiros para que defendessem e

expandissem seus territórios. Essa educação era notável em Esparta, onde o foco era totalmente na formação militar e na disciplina.

No entanto, com o passar do tempo, os valores educacionais em Atenas mudaram gradualmente. Esse processo teve forte influência de Sócrates, que enfatizava sobre a importância do pensamento crítico, da ética e da filosofia. O sistema educacional passou a abranger uma quantidade maior de disciplinas, incluindo retórica, filosofia, literatura, música e matemática.

O surgimento da escola, durante a Educação Ateniense, foi um forte reflexo dessa evolução. As escolas tornaram-se centros de aprendizado que incentivavam a pesquisa e o debate, reforçando a ampliação de seus valores, com uma educação humanística e intelectualmente enriquecedora. Essa mudança foi tão significativa que possibilitou a promoção do engajamento dos jovens atenienses, que passaram a focar não apenas na política, mas também no desenvolvimento de ideias e de conhecimentos.

Aqui a pedagogia ateniense, que servirá de modelo e inspiradora a toda a Grécia clássica, orienta-se num sentido muito diferente do da nova Esparta. Não se trata, em Atenas, de ver na criança e no adolescente, antes de tudo, um futuro hoplita, de exigir-lhes treze anos de formação militar e de passo cadenciado! A preparação militar desempenha, nesta "educação antiga", um papel tão apagado que o historiador, privado de testemunhos, tem o direito de duvidar até da sua existência (MARROU, 1975, p. 67).

Essa transformação na educação ateniense não apenas serviu para distinguir Atenas de Esparta, mas também teve forte impacto na história da educação ocidental, o que pode ser observado até os tempos atuais. A ênfase no pensamento crítico, nas artes, na filosofia e na participação política, em contraste com uma educação espartana estritamente militar, influenciou positivamente a construção e formação das tradições educacionais posteriores, influenciando como a educação e a formação dos indivíduos são compreendidas até hoje.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Paideia* é a herança deixada pela Educação Grega, indispensável para a compreensão de todo tipo de conhecimento e da educação. Não é possível compreender a trajetória da educação ocidental em sua totalidade sem compreender a *Paideia* Grega e a Formação do Homem grego.

Dessa forma, refletimos sobre o ideal de Educação Grega por meio da Educação Homérica, que é o ponto de partida para o seu entendimento, passando pela Educação Espartana, que nos apresenta a escola enquanto Estado e, de forma contextualizada e analítica, a pederastia e suas influências na educação, e a Educação Ateniense, com o fim da educação militarizada e o surgimento da escola enquanto instituição.

Cada fragmento dessa história é passível de ser relacionada com diferentes e diversos aspectos da educação ocidental atual e, inclusive, com questões culturais, sociais e políticas mais abrangentes. Como a relação da pederastia com a masculinidade atual; o papel das jovens mulheres espartanas com o papel das mulheres na contemporaneidade; entre outros.

O que se pode afirmar é que sendo nós, professores e professoras, seres políticos e tendo nossa prática inserida em um contexto sócio-histórico e político, está a neutralidade do lado oposto ao nosso. Sendo assim, conhecer a história da educação Grega, berço da educação ocidental, é um dos passos iniciais para alcançarmos a tão almejada coerência e responsabilidade ética, muito bem salientada por Oliveira (2019, p. 12) “é preciso aprender a ser coerente” e Freire (2019, p.16) “em tempo algum pude ser um observador “acinzentadamente” imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética.”.

REFERÊNCIAS

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARROU, Henri-Irénéé. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: E.P.U. Brasília: MEC, 1975.

TEIXEIRA, Evilázio. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo: Paulus, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FONSECA, Maria de Jesus. A Paideia Grega revisitada. *Millenium*, n. 9, jan. 1998. Disponível em: http://www.ipv.pt/millenium/esf9_mjf.htm. Acesso em: 15 de jul. de 2023.

CORRÊA, Elisa Figueira de Souza. *Práticas educativas e escolares na grécia antiga*. *Principia*, [s.l.], n. 37, p. 36–51, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/40541>. Acesso em: 20 set. 2023.

BORTOLINI, R. W.; NUNES, C. *A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego*. *Filosofia e Educação*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 21–36, 2018. DOI: 10.20396/rfe.v10i1.8651997. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8651997>. Acesso em: 20 set. 2023.